

## 10 anos de Francisco: quando e quanto a Igreja se renova!

### O Concílio Vaticano II: ponto de chegada e ponto de partida

No longínquo dia 25 de dezembro de 1961, na celebração do mistério da Encarnação de Jesus Cristo, em Roma, o papa João XXIII, em alto nível de profecia, causando grande alegria em muitos e assombro em outros, com estas palavras, convocou o Concílio Ecumênico Vaticano II:

Diante desse duplo espetáculo: um mundo que revela um grave estado de indigência espiritual, e a Igreja de Cristo, tão vibrante de vitalidade, nós, desde quando subimos ao supremo pontificado, não obstante a nossa indignidade e por desígnio da Providência, sentimos logo o urgente dever de convocar os nossos filhos para dar à Igreja a possibilidade de colaborar mais eficazmente na solução dos problemas dos nossos tempos. Por esse motivo, acolhendo como vinda do alto uma voz íntima do nosso espírito, julgamos ter chegado o tempo de oferecer à Igreja católica e ao mundo o dom de um novo Concílio Ecumênico (VATICANO II, 1997, p.12).

Quase quatro anos depois, o papa Paulo VI encerrou, solenemente, o Vaticano II, - nome simplificado, como é conhecido e referido, mas sem "esconder" o seu caráter ecumênico -, por meio de uma histórica e emocionante homilia, onde deixou explicitado o esforço de a Igreja dialogar com as pessoas do tempo, para ser-lhes pertinente e recuperar sua significância:

O magistério, por assim dizer, desceu para dialogar com o homem [...] e adotou a maneira de falar acessível e amigável, que é própria da caridade pastoral. [...] Expressou-se no modo hoje usado na conversação corrente, em que o recurso à experiência da vida e o emprego dos sentimentos cordiais dão mais força para atrair e para convencer. Isto é, falou aos homens de hoje, tais quais são (VATICANO II, 1997, p. 670).

Por fim, vejamos como Paulo VI, que tão bem continuou a obra de João XXIII, magistralmente, resumiu o Vaticano II, em uma profunda e larga reforma da Igreja, em seu processo de entendimento com o mundo moderno, embora com predominância das "cores" europeias, mais do que cores mundiais.

Toda esta riqueza doutrinal orienta-se apenas a isto: servir o homem, em todas as circunstâncias da sua vida, em todas as suas fraquezas, em todas as suas necessidades. A Igreja declarou-se como que a escrava da humanidade. [...] Não sendo outra coisa senão um veemente e amistoso convite em que a humanidade é chamada a encontrar-se, pelo caminho do amor fraterno, aquele Deus «de quem afastar-se é cair, a quem dirigir-se é levantar-se, em quem permanecer é estar firme, a quem voltar é renascer, em quem habitar é viver - citando Santo Agostinho (VATICANO II, 1997, p. 670-671.673).

Trata-se do acontecimento eclesial mais importante dos últimos séculos, não somente pela quantidade de pessoas envolvidas, pela duração do Concílio, pela enormidade de documentos vitais produzidos, mas pela grandiosidade de seu significado, pelo fato de ele coroar vários movimentos de grupos da Igreja que, com reflexões, congressos, publicações e experimentos já vinham, de certa forma, realizando o Concílio, ou ao menos exigindo que ele fosse convocado, realizado e atendessem às expectativas de renovação, sob pena de a Igreja não mais alcançar nem a pessoa humana nem a sociedade em seu tempo e tornar-se extemporânea, impertinente, desprovida de justificabilidade, razoabilidade e coerência.

O Concílio Ecumênico Vaticano II é **ponto de chegada**, porque ele resultou das suscitações do Espírito Santo em meio à Igreja, que colocaram a comunidade eclesial em movimento *pró aggiornamento*. Ele mesmo, pela dinâmica do mesmo Espírito, é também **ponto de partida**, porque, mesmo tratando dos aspectos vitais para a Igreja no mundo, tratou-os naquele contexto histórico mediante os desafios da época deixando como lição que esse processo é permanente, como um processo de conversão eclesial e pessoal.

Aqui entra o Papa Francisco, que neste ano de 2023 completa 10 anos de pontificado, para a alegria da Igreja e da humanidade, faminta e sedenta de tudo aquilo que possa dar sentido à sua existência, transformar a sociedade e valorizar a sua caminhada pelas estradas da vida, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, cuidando da casa comum, na perspectiva da ecologia integral e reconstruindo a sociedade, em base a imperativos como a justiça e a paz, a igualdade e a liberdade, a amizade social e a fraternidade, porque somos "fratelli tutti" (FRANCISCO, FT, 2020, p. 11).

O papa Francisco não participou do Vaticano II, mas vivenciou o seu desenrolar e seus efeitos. Isso faz uma grande diferença, porque ele não se deu a tarefa de ficar discutindo, ano após ano, qual é a verdadeira interpretação dos textos do Concílio, como aconteceu sobretudo com aqueles que, de alguma forma, dele desconfiavam e até discordavam, aproveitando esse pretexto para imprimir as suas próprias interpretações, em perspectiva conservadora e reacionária. Francisco, com extraordinária acuidade intelectual, espiritual e prático, toma nas mãos, na mente e no coração os textos e o espírito do Vaticano II e trata de vivenciá-lo e de novo propô-lo de modo vivo e envolvente, à toda a Igreja, que tem a grave missão de estar no mundo para cuidar, libertar, testemunhar Jesus Cristo em meio à humanidade. O Papa Francisco encarnou o Concílio Ecumênico Vaticano II. O Concílio Ecumênico Vaticano II encontrou um lugar na alma do Papa Francisco.

### Francisco é um exímio atualizador do Concílio Vaticano II

Ao assumir o espírito do Concílio, Francisco, claramente não se detém apenas em sua letra, mas vai mais adiante. Podemos dizer que são 10 anos de pontificado esforçado a puxar para frente toda a Igreja, de estrutura exageradamente complexa e pesada, em muitos casos desviada de sua missão primordial, e colocá-la na dinâmica do serviço à salvação de todos, como sinal do Reino de Deus presente no mundo.

É indispensável afirmar, portanto, que esse Papa atualiza o Concílio; ele não repete os textos do Concílio a toda hora, antes, ao contrário, cita relativamente pouco o Vaticano II, porque o tem como dado e como luz a iluminar seu magistério, sua vida como servidor, na alegria do Evangelho. Contudo, ele opera e ensina a partir do Concílio.

Veja, como exemplo, o que ele ensina no campo da liturgia ao publicar uma Carta Apostólica sobre a formação litúrgica do povo de Deus, com grande riqueza de ensinamentos da patrística, da sagrada escritura e da própria liturgia. O cerne desta carta é afirmar que

uma celebração que não evangeliza, não é autêntica, tampouco um anúncio que não leva ao encontro com o Ressuscitado na Celebração: ambos, portanto, se carentes do testemunho da caridade, são como «um

bronze que soa ou um címbalo que retine (1Cor 13,1)» (FRANCISCO, DD, 2022, p. 27).

Essa Carta Apostólica segue o *Motu Proprio Traditionis Custodes*, dirigido aos bispos de todo o mundo, sobre o uso da liturgia romana anterior à reforma de 1970, regulamentando de forma restritiva, o uso da liturgia tradicionalista, até que todos celebrem os ritos e a teologia definidos pelo Vaticano II, como celebra toda a Igreja na contemporaneidade. Espera-se encerrar esse assunto e essa prática da liturgia tradicionalista, que já se arrastava há muitos anos e que causou sofrimentos à unidade da Igreja.

Além de tudo isso, o testemunho celebrativo do Papa Francisco é extraordinário: a) vestes sóbrias, gestos significativos, comunicação direta e sucinta, profundidade da mensagem, densidade espiritual, bem ao contrário do retrocesso imposto por muitos clérigos, por sua própria conta, com suas vestes e paramentos ao estilo rococó e tradicionalista, de modo exibicionista, de acordo seus discursos fechados, fundamentalistas e moralistas; b) contrário à incensação ao passado, ao uso do latim para passar a imagem de eruditismo, mesmo sendo agentes superficiais e desconhecedores dessa língua, tecnicamente definida como "morta", porque não é mais usada pelos falantes no mundo. Já tive o dissabor de participar de celebrações em que vários cantos da liturgia foram cantados em latim, a várias vozes, por seminaristas e alguns leigos, como um espetáculo para o povo que, literalmente, assistia, meio humilhado, diante de algo estranho a ele, em um exibicionismo com precedentes perigosos nos tempos atuais. Muitas dessas práticas têm sido treinadas em seminários, alguns dos quais transformaram-se em focos de resistência à reforma da Igreja dirigida pelo Papa Francisco, e a ele próprio.

E encerra o referido *Motu Proprio* dizendo como devem proceder as dioceses:

Por um lado, promover o bem daqueles que estão enraizados na forma celebrativa precedente e precisam de tempo para retornar ao Rito Romano promulgado pelos Santos Paulo VI e João Paulo II; por outro lado interromper a ereção de novas paróquias pessoais, ligadas mais ao desejo e à vontade de cada um dos presbíteros do que à real necessidade do «Santo Povo fiel de Deus» (FRANCISCO, TC, 2021, p. 20).

O Papa Francisco publicou **três Cartas Encíclicas**, a **primeira** em junho de 2013, sobre a luz da fé, chamada *Lumen Fidei*, como dom trazido por Jesus Cristo, por meio de sua encarnação, seu anúncio do Reino de Deus, sua paixão, morte e ressurreição. Eu vim ao mundo como luz (Cf. Jo 12,46). Francisco, ainda naquele ambiente de ensimesmamento eclesial, naquele clima de inverno na Igreja<sup>1</sup>, quis, com esta Encíclica, acender uma lâmpada que estava se apagando, atizar uma chama que fumegava, acordar. Jesus não é uma luz ilusória, precisa ser buscada e encontrada (Cf. FRANCISCO, LF, 2013).

Publicou a **segunda**, em maio de 2015, na festa de Pentecostes, uma Encíclica que mexeu com todo o mundo, com pessoas de dentro da Igreja e de fora, com homens e mulheres de boa vontade, com formadores de opinião, com pessoas comprometidas com a defesa da vida do planeta, como expressão de compromisso com a defesa da vida das pessoas: *Laudato Si, sobre o cuidado da casa comum*. Com ela fixou-se na memória do mundo que "tudo está estreitamente interligado" e dessa maneira o Papa Francisco expressou a "relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta" (FRANCISCO, LS, 2015, p. 18). E explicou que

não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza (FRANCISCO, LS, 2015, p. 87).

É uma Carta para alimentar uma verdadeira revolução no cuidado do planeta e dos pobres. Revolução é uma palavra usada pelo Papa Francisco em várias ocasiões e ela significa transformação, inovação, modificação, mudança, reforma, tudo que venha a indicar, como pensa Francisco, que uma realidade ruim pode ser melhorada, reformada, transformada em algo bom, substancialmente bom. Daí podermos, com ele, afirmarmos a revolução do

---

<sup>1</sup> É uma "posição de retirada", de "des-aggionamento", nomeada de "involução eclesial" (revista Concilium), de "restauração" (G.C. Zizola), de "inverno eclesial" (Karl Rahner), de "volta à grande disciplina" (J. B. Libânio), "noite escura" (J. I. Gonzalez Faus). G. Alberigo, historiador do Vaticano II, diz que parece que a minoria que o Vaticano II, de alguma forma, marginalizara, agora volta para erguer as bandeiras da tradição anti-modernista, anti-liberal, anti-protestante e anti-comunista (Cf. CODINA, 2012).

amor, da misericórdia, da compaixão, da solidariedade como princípio de vida, como compromisso com os outros por causa do seguimento de Jesus.

Não menos forte é o efeito da terceira Encíclica, com o nome convidativo, comunicativo de *Fratelli Tutti, sobre a fraternidade e a amizade social*. Um bem afamado diplomata brasileiro, Rubens Ricúpero, chegou a afirmar que, ao analisar essa Encíclica, cabia a ele uma palavra: "Francisco representa a última esperança [...]. Francisco confirma em definitivo que representa hoje a consciência moral e intelectual da humanidade (RICÚPERO, IHU, 2020). De forma semelhante expressou um dos maiores pensadores de nosso tempo, judeu, de matriz pessimista, Zygmunt Bauman, que depois de estar com o Papa Francisco exclamou: "Ele é a minha esperança", "Ele é a luz no fim do túnel" (BAUMAN, IHU, 2018). Esperança acendida. Essa Encíclica e a anterior já estão no corpo da Doutrina Social da Igreja.

Ela foi assinada no dia 3 de outubro de 2020, véspera da festa de São Francisco de Assis, em plena pandemia da covid-19, que matava milhares e milhares de pessoas todos os dias. São oito capítulos eletrizantes para os leitores. Nas sombras deste mundo fechado ao amor, porque fechado à amizade social, ele insiste no reconhecimento do "estranho no caminho", em uma densa leitura da parábola do bom samaritano (Lc 10, 25-37). Francisco, iluminado por essa palavra bíblica, explicita a necessidade urgente de pensar e gerar um mundo aberto, onde o amor ocupe o lugar central, avizinjado pela liberdade, igualdade, fraternidade e pela solidariedade, que é um ato de amor e defesa da dignidade humana, mas também uma atitude política, da melhor política, da política necessária, que implica a caridade social, o amor social e se torna amor político. É a forma de abrir o horizonte da política ao máximo e transformá-la em prática de integração, que cuida de todos. A melhor política é exigente porque implica o diálogo social, a recuperação da amabilidade, o encontro. É uma tarefa para todos, alerta o Papa Francisco (Cf. FRANCISCO, FT, 2020)

"Encontro" é uma chave para abrir o pensamento e o testemunho do Papa Francisco. Ele, como ninguém, exige encontros, promove encontros para escutas, para o desenvolvimento de projetos comuns, tais como o projeto chamado *Economia de Francisco e Clara* (FRANCISCO, 2020) que repensa a

economia e a coloca na lógica solidária e de alcance universal, porque a economia de mercado, hegemônica, mata. Ele não deixa de contemplar o perdão, que faz parte da arquitetura da paz. Não o perdão que significa que o opressor continue a oprimir e excluir, mas o perdão que, para esses, como expressão do amor ao inimigo, é "tirar-lhe o poder que não sabe usar" (FRANCISCO, FT, 2020, p. 124).

Outro projeto de alcance mundial é o *Pacto Educativo Global* (FRANCISCO, 2019) proposto para a retomada da educação como elemento indispensável à edificação de um outro mundo possível. É um projeto indiscutivelmente urgente e desafiador porque escolas estão sob a mira de ações violentas e não conseguem superar, por si, todas as dificuldades.

Papa Francisco, ao final da *Fratelli Tutti*, convida as religiões a se colocarem a serviço da fraternidade no mundo, como forma de cumprir uma de suas mais instigantes missões (FRANCISCO, FT, 2020, p. 139-149).

Poderia ter sido publicada como uma solene Carta Encíclica a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (FRANCISCO, EG, 2013). Nela o Papa Francisco expressa, de maneira tão profunda quanto simples, tão exigente quanto alegre e esperançoso, o seu programa de governo da Igreja. Nela ele faz vários convites à Igreja, muitos desconcertantes para quem pratica uma Igreja afeiçoada à conservação, à repetição, à sombra, mas todos podem ser sintetizados em três: a) colocar a Igreja completamente mergulhada na sua primordial e prioritária missão de evangelizar, devolvendo-lhe a centralidade de Jesus Cristo; b) colocar a Igreja em Saída para as periferias existências, sociais e geográficas; c) colocar a Igreja na dinâmica da evangelização, mas para tornar o Reino de Deus presente no mundo.

São diversificados os temas tratados pelas várias Exortações Apostólicas, algumas pós-sinodais e de significativo impacto na vivência das pessoas. Destaco a mais discutida de todas elas, a mais trabalhosa para colocar, sobretudo os eclesiais, no processo de conversão e fidelidade à doutrina da Igreja, quando o assunto é família. Trata-se da *Amoris Laetitia*, sobre o amor na família (FRANCISCO, AL, 2016), produzida em duas etapas sinodais. Olhando ao mesmo tempo, fixamente, para Jesus e também para as

realidades das famílias, o Papa Francisco escreve como que uma bela carta de amor à família. As indicações do famoso capítulo 8, enxertado de diversas e basilares citações bíblicas e da doutrina da Igreja, tem como título aquele processo que é explicitado, parte a parte: "acompanhar, discernir e integrar a fragilidade" (FRANCISCO, AL p. 175-190). Cabe às dioceses, com mais boa vontade para aplicar a reforma nas Igrejas Particulares, encaminhar os novos procedimentos pastorais para os casais, respeitando a gradualidade e fazendo discernimentos.

Bom pastor e fiel a Jesus Cristo, Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate, sobre a chamada à santidade no mundo atual* (FRANCISCO, GE, 2018), reabre o caminho da santidade para todos, colocados à luz das bem-aventuranças do Mestre, para vencer o gnosticismo e o pelagianismo atuais, e trazer para a contemporaneidade não só as ideias sobre a santidade, mas, principalmente, estimular a todos e entrarem neste caminho que é hodierno, moderno e não coisa do passado distante.

Houve o sínodo sobre as juventudes, que gerou a Exortação Apostólica *Christus Vivit, para os jovens e para todo o povo de Deus* (FRANCISCO, CV, 2019). A evangelização das juventudes, ou a falta dela, é um dos maiores sintomas da crise aguda que a Igreja vive em relação aos jovens em todo o mundo. A Igreja não consegue nem se aproximar e menos ainda dialogar com as juventudes. São dois universos distantes e aparentemente excludentes entre si. Há, claro, um pouco em cada lugar, experiências significativas. As juventudes são fascinadas pela pessoa de Jesus e seu Evangelho, mas a Igreja não consegue trazer esse fascínio também para si, e perde as juventudes para outras religiões e para religião alguma. Não há sinais de que as pessoas da Igreja estejam se movimentando, decididamente, para enfrentar esse problema. O Papa Francisco diz que

são precisamente os jovens que podem ajudá-la (a Igreja) a se manter jovem, a não cair na corrupção, a não se acomodar, a não se orgulhar, a não se tornar uma seita, a ser mais pobre e testemunhal, a estar próxima dos últimos e descartados, a lutar por justiça, a se deixar interpelar com humildade. Eles podem oferecer à Igreja a beleza da juventude quando estimulam a capacidade de «alegrar-se com o que está começando, e dar-se sem recompensa, de renovar-se e partir de novo para novas conquistas» (FRANCISCO, CV, p. 37).

Por fim, na linha das Exortações, segue *Querida Amazônia, ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade* (FRANCISCO, QA, 2020), que gerou tantas movimentações contrárias àquelas que desejavam ver passos adiante na configuração eclesial em uma região tão específica, pontualmente sobre a questão dos ministérios: ministério ordenado para homens casados e outros ministérios para mulheres. O Papa Francisco manteve a "cunha na tora", abrindo-lhe uma fresta, quando resumiu as reflexões do sínodo, em quatro sonhos: social (superar muitas injustiças e crimes na Amazônia); cultural (superar as resistências à enculturação e ao cuidado das raízes; ecológico (superar a surdez ao grito da Amazônia); eclesial (superar o medo de uma Igreja amazonizada). Precisamos trabalhar para que esses sonhos deixem de ser sonhos e passem a ser realidade.

O Papa Francisco, com desenvoltura e grande coerência de posturas, como que passeia por diversas situações humanas e por situações institucionais da Igreja, dando-lhes novo alento e grande esperança. A Constituição Apostólica *Episcopalis Communio*, que define a nova maneira de realizar os sínodos, é primorosa, porque envolve a toda a Igreja, num processo participativo, de modo que a exortação pós-sinodal seja mesmo uma contribuição coletiva, discernida pelos padres sinodais e dirigida pelo papa, com vistas ao "restabelecimento da unidade entre todos os cristãos" (FRANCISCO, EC, 2018, p. 20).

Na mesma perspectiva, como um arremate de muitas ações pontuais, o Papa Francisco deu a conhecer a Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium, sobre a cúria romana e seu serviço à Igreja no mundo* (PE), para transformar a cúria romana, até então tão desvirtuada e centrada em si mesma, tão autorreferenciada e tornada palco de disputas de poder e riquezas, de privilégios, de insensibilidade humano-cristã, fortemente marcada por narrativas desencontradas, em estruturas de serviço às Igrejas Particulares espalhadas pelo mundo. A cúria deve ser servidora da Igreja no mundo, colaboradora na realização da missão de pregar o Evangelho. "A «conversão missionária» da Igreja (FRANCISCO, EG, 2013, p. 30) destina-se a

renovar a Igreja segundo a imagem da própria missão de amor de Cristo" (FRANCISCO, PE, 2022, p. 12).

Muitas Cartas Apostólicas dão conta da atenção do Papa Francisco, em 10 anos, para os diversos segmentos eclesiais, seus valores e seus problemas. Escreve aos religiosos e religiosas, escreve aos presbíteros e seminaristas, escreve criando o Ministério de Catequista, escreve abrindo às mulheres o ministério instituído do leitorado e do acolitado, escreve orientando com máxima firmeza a proteção dos menores e das pessoas vulneráveis, vítimas de criminosos instalados no interior da Igreja.

**Papa Francisco ainda não conseguiu realizar tudo o que é necessário**

Dentre as realidades eclesiais e eclesiásticas que Francisco não conseguiu ainda realizar e avançar, elenco as que considero mais importantes. O que não se conseguiu até o momento poderá ser conseguido adiante.

É preciso rever e reformar a modalidade de **nomeação de novos bispos** para a Igreja, de modo que haja garantias de que as pessoas escolhidas e chamadas sejam mesmo pessoas adequadas para a Igreja neste tempo e não noutra; que estejam em profunda unidade com o processo de reforma da Igreja, que ainda durará bastante tempo; que sejam pastores próximos do povo, atentos à sua realidade e às interpelações da Palavra de Deus e do Ensino da Igreja, capazes de profecias e da misericórdia; que haja garantias de que o processo será sem interferências de pessoas que disputam poderes, sobretudo os titulares de grandes arquidioceses e pessoas envolvidas no processo desde as Nunciaturas até a Congregação para os bispos, de modo que a escolha seja mesmo do papa.

Avança, aos poucos, a ampliação dos **ministérios na Igreja**, mas ainda estamos longe de uma Igreja toda ministerial, que exige uma postura francamente aberta para o reconhecimento do serviço de cada um, dom de Deus para todos. Especialmente é preciso aprofundar e encaminhar ministérios que venham a ser exercidos por mulheres, que constitui a maior parte dos católicos no mundo e têm singular importância na transmissão da fé.

É preciso dar um salto de modo a recuperar do Concílio Vaticano II não só a nomenclatura de presbítero, mas o **entendimento que o presbítero**, desde o seu batismo, vem condensando sua dimensão profética e pastoral, além da sacerdotal. A acentuação da dimensão sacerdotal acabou por torná-la praticamente a única dimensão, cometendo-se o equívoco grave do sombreamento das dimensões profética e de pastor. Não pode haver sacerdote que não seja igualmente profeta e pastor. Esta perspectiva ajuda a retirar o padre da mentalidade clericalista, associada ao carreirismo, sentimento de superioridade e prática do autoritarismo, cultivo de doentio narcisismo. Se introduzirmos, enfaticamente, em nossa linguagem o termo presbítero, certamente poderemos dar algum passo.

O Papa Francisco necessita de **assessorias**. Cardeais, bispos, leigos e leigas, padres exercem essa função ora formal e ora informalmente. Ele mesmo cria conselhos, grupos e oportunidades de escuta. Talvez seja o papa que mais escuta! Porém é preciso investir melhor em grupos formalizados e já tradicionais, por exemplo a chamada Comissão Teológica Internacional e a Pontifícia Comissão Bíblica. São dois grupos que poderiam efetivamente colaborar mais, com linguagem e paradigmas atuais. A composição dessas comissões também precisa ser no espírito dado pelo Papa Francisco à Igreja, por meio do seu magistério. Ultimamente foi publicado *O que é o homem, um itinerário de antropologia bíblica* (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 2022). Consola-me saber que se trata de "um" itinerário, porque o texto, de leitura enfadonha, é uma publicação de conquistas exegéticas a partir de Gn 2,47 a Gn 3,8-24, já conhecidas no meio e trabalhadas em espaços diversos, com grande dificuldade de aterrissar e colocar-se no chão da vida humano-cristã, exatamente pela pretensão de ser "um itinerário de antropologia bíblica".

Será de grande proveito se o Papa Francisco, além de reunir periodicamente líderes de **movimentos sociais e populares**, estimular cada Igreja Particular e cada Conferência Episcopal a promoverem esses encontros, em seus lugares. A organicidade desses movimentos precisa da iluminação do Evangelho do Reino. As pessoas que neles atuam precisam de uma espiritualidade cristã robusta. Eles têm um papel peculiar na melhoria do mundo e das condições de vida das pessoas e do planeta.

## Para concluir

O Papa Francisco é enviado pelo Espírito Santo para conduzir a Igreja. A condução da Igreja é obra do Espírito Santo por meio do Papa Francisco. Essa perspectiva dá grandes possibilidades de a Igreja recuperar a centralidade de Jesus Cristo, caminho, verdade e vida, e praticar com mais intensidade e espiritualidade o cuidado das "pessoas" e das "comunidades", para além do cuidado das "coisas" do cristianismo.

*Por uma Igreja sinodal, comunhão, participação e missão.*

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. *O papa é a minha esperança*. IHU, 10.02.2018.

CODINA, Victor. Sentir-se Igreja no inverno eclesial, in: <http://observatoriojuvenildo vale.-blogspot.com>, 28/2/2012.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Documentos da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1997.

FRANCISCO. *Amoris laetitia, sobre o amor na família*. Brasília: Edições CNBB, 2016.

FRANCISCO. *Carta do Santo Padre para o evento economia de Francisco, Assis, 26-28/03/2020*, in: [www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papafrancesco\\_20190501\\_giovani-impreditori.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papafrancesco_20190501_giovani-impreditori.html)

FRANCISCO. *Christus vivit, para os jovens e para todo o povo de Deus*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

FRANCISCO. *Desiderio desideravi, sobre a formação litúrgica do povo de Deus*. Brasília: Edições CNBB, 2022.

FRANCISCO. *Episcopalis communio*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

FRANCISCO. *Evangelii gaudium, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. *Fratelli tutti, sobre a fraternidade e a amizade social*. Brasília: Edições CNBB, 2020.

FRANCISCO. *Gaudete et exultate, sobre a chamada à santidade no mundo atual*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

FRANCISCO. *Laudato si, sobre o cuidado da casa comum*. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO. *Lumen fidei, a luz da fé*. Brasília: Edições CNBB, 2013.

FRANCISCO. *Mensagem sobre o Pacto Educativo Global*, in: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco\\_20190912\\_messaggio-patto-educativo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html)

FRANCISCO. *Praedicate evangelium, sobre a cúria romana e seu serviço à Igreja no mundo*. Brasília: Edições CNBB, 2022.

FRANCISCO. *Querida Amazônia, ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade*. Brasília: Edições CNBB, 2020.

FRANCISCO. *Traditionis custodes, sobre o uso da liturgia romana anterior à reforma de 1970*. Brasília: Edições CNBB, 2021.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *O que é o homem? Um itinerário de antropologia bíblica*. Brasília: Edições CNBB, 2022.

RICÚPERO, Rubens. *Fratelli Tutti: Francisco confirma em definitivo que representa hoje a consciência moral e intelectual da humanidade*. IHU, 07.10.2022.

Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte/MG. Mestre em teologia pelo Centro de Estudos Superiores Jesuíta, Minas Gerais (1993).